



Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Editorial

A SEDE - DO SONHO À REALIDADE

*Mais que a certificação de um facto real - ocorrido antes do ano 2000 - é um grito de júbilo que emerge do coração de todos os nossos Sócios, dos mais longevos aos mais jovens, irmanados que estiveram sempre na perseguição deste **Grande Sonho**.*

Desde a criação da Delegação, em Lisboa, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, quem desejava para si e para os outros verdadeira (e autónoma...) vida associativa emprestava primazia a um desiderato comum: uma SEDE própria e condigna! E quantos esforços e empenhos sem qualquer ressonância...

Lográmos, no meio do ano que finda, atingir a sua concretização, dispondo já, como património da Associação (e o empréstimo bancário contraído em nada diminui este bem, antes redobra a vontade de o tornar pleno...), de um andar com óptima acessibilidade, alegre e espaçoso.

Que o digam os cerca de 150 Sócios e Amigos que acorreram a inaugurá-lo no passado dia 8 de Outubro, regalados com um succulento beberete (devido à generosidade dos mais chegados...) e tão deslumbrados como uma menina que só tinha uma boneca de trapos e a quem dão uma casa de brinquedos; ou como um menino que só tinha uma bola e a quem dão um campo de futebol, dizendo a ambos: SÃO TEUS, FAZ DELES O QUE QUISERES!

*Foi o que, nesse dia, os presentes protestaram de viva voz e os outros têm tido ocasião de repetir: vamos criar uma vivência permanente, variada, em grandes grupos (conferências, tertúlias, chás da Filantrópica, etc.) ou pequenos grupos (jogos, leitura na biblioteca, TV, vídeos, ou salutares conversas). **AS PORTAS E OS NOSSOS BRAÇOS ESTÃO SEMPRE ABERTOS!***

*A Direcção, com o apoio dos outros Órgãos Sociais, Assembleia Geral e Conselho Fiscal, vem cimentando todas as pedras desta construção associativa. Cabe a cada um dos Sócios ajudar a mantê-la, ao menos, em boa forma - ou será que não temos capacidade volitiva e material para, em jeito de trampolim, nos lançarmos já no espaço de **outro Grande Sonho: a Real República / Casa de Repouso?***

*Eis o que também continuam clamando, no decorrer das décadas, os tais "longevos"; e o fulgor de uma promessa que brota da alma dos que, hoje, de mãos dadas, sentem ter alcançado a primeira **Grande Realização**.*

Que o Ano 2000 nos ajude a perseguir o segundo Grande Sonho, abrindo-nos as melhores perspectivas da sua breve Grande Realização!

PARA TODOS, comecemos por um BOM NATAL e continuemos num FELIZ ANO 2000!

Fátima Lencastre

A Nossa SEDE - A Longa Marcha

Foi no longínquo dia 25 de Novembro de 1960 que largas dezenas de Antigos Estudantes de Coimbra, residentes em Lisboa, se reuniram no Restaurante “Castanheira de Moura”, ao Lumiar, para comemorarem pela primeira vez à “Tomada da Bastilha” que então festejava o seu 39º aniversário.



27 de Maio 1960 - Jantar no “Castanheira de Moura” “primeiro passo” para a organização da Delegação da Casa dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Lisboa

Nesse opíparo jantar, de que guardo a bonita ementa e o crachat, nasceu a ideia da criação de uma Delegação da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Lisboa. Por variadíssimos motivos, só veio a concretizar-se essa ideia em 1972, ao abrigo do art.º 79º dos Estatutos da AAEC.

Nasceu a Delegação da AAEC em Lisboa, que ficou sediada num escritório de advogados nossos amigos, que nos disponi-

bilizaram um gabinete para reuniões da Direcção na Travessa de São Pedro nº 9 - 2º D.to.

A vida da Delegação começou aqui. Pela saída dos advogados fomos forçados a mudar de casa.

Nessa altura, já se enviavam grandes esforços junto de várias entidades para

aquisição de uma Sede própria. Tudo em vão.

Seguimos para a Rua das Taipas nº 34 - 2º D.to, onde mal cabia o empregado que tomava conta do expediente. Por falta de espaço, a Direcção reunia várias vezes na residência dos Presidentes, o que naturalmente não deixava à vontade os restantes elementos.

Impunha-se urgentemente a aquisição de uma Sede.

Já no Plano de Actividades

para o ano de 1986 se aludia à criação de uma Comissão Pró-Sede, que imediatamente começou a trabalhar, esbarrando sempre com o problema dos limitados recursos.

Entretanto, graças a um pequeno lucro que as várias actividades iam dando, os nossos fundos foram aumentando, tendo sempre em vista uma futura compra da Sede. Serviriam para um começo de pagamento.

Mudámos então para a Av. Almirante Reis nº 256 - 1º Esq., onde o espaço cedido de aluguer pela Casa das Beiras já era um pouco melhor.

Desde 6 de Março de 1992, data em que a Delegação deixou de existir para dar lugar à AAEC em Lisboa, uma nova dinâmica das Direcções veio aumentar o número de sócios e de várias actividades que impunham uma rápida solução do problema. Os esforços redobram e os fundos disponíveis iam aumentando a pouco e pouco.

E... o Sonho tornou-se realidade!

No passado dia 8 de Outubro, foi finalmente inaugurada a Sede da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa na Rua António Pereira Carrilho nº 5 - 1º (à Praça do Chile).



8 Outubro 1999 - Data da inauguração da sede da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Lisboa

A Nossa SEDE!

Um Sonho já velhinho de quase 40 anos que se tornou realidade e que deu por finda a Loga Marcha.

Foi em clima de festa que a grande sala se encheu de Sócios, estando presentes para o efeito elementos da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal.

Era visível a alegria e a comoção dos muitos que participaram na cerimónia e foram percorrendo as instalações: 3 gabinetes de trabalho, 2 arrecadações, 1 grande terraço, 2 sanitários e 1 salão que comporta 80 cadeiras.

Como não podia deixar de ser, a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, fez o protocolar discurso da inauguração, his-

toriando resumidamente os passos dados pela actual Direcção, a quem - todos o reconhecemos - se deve o gigantesco esforço final para a concretização de tão almejado anseio.

Agradeceu o empenho da Comissão de Angariação de Fundos e de todos os sócios que, com a Direcção, ajudaram a levar a nau a bom porto.

As contribuições monetárias que levaram à diminuição do empréstimo que se contraiu e a abertura e disponibilidade total do BPI foram especialmente sublinhadas no seu discurso, pelo facto de estarem presentes neste acto festivo o seu Director de Relações Públicas, que o representava, e o Gerente da Agência da Praça do Chile.

Finalmente, lembrou todos

quantos se associaram com as mais variadas dádivas, oferecendo alguns quadros e móveis que tornaram possível o funcionamento imediato da Sede, destacando Arménio Cardo, Ângelo Araújo, João Quintela, Dulce e Aida Toscano, Teresa Leónidas, Mário Silva e Maria do Céu Santos, e todos os que aderiram à "Campanha do Assento" (para ajudar a pagar as cadeiras nesse dia estreadas).

E fez ainda uma evocação daqueles que tanto se dedicaram a esta causa e a quem não foi concebida a recompensa de partilharem este momento, em especial o Fernando Paula (que nos deixou um belo quadro seu) e o Abel Gaspar da Silva, recentemente falecido, guardando-se um minuto de silêncio em sentida homenagem.

Seguiu-se um pensamento de solidariedade pelo Povo de Timor Loro Sae e um pensamento de simpatia por Amália Rodrigues (nesse dia enterrada).

Transmitiu também a mensagem do nosso Presidente da Assembleia Geral, Almeida Santos, no sentido de nos acompanhar em intenção e júbilo.

A inauguração, que foi uma autêntica festa, acabou em alegre convívio a que se seguiu uma abundante e deliciosa merenda.

João Maria

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

I - Noite do Ângelo

A reunião da nossa Tertúlia Académica do dia 27 de Maio último foi inteiramente dedicada à figura e à obra musical e poética de Ângelo de Araújo.

Merecia-o aquele nosso insigne colega, que, além de médico distinto, é também o autor da música e da letra de alguns dos mais genuínos e marcantes fados de Coimbra e o cantor cuja voz inconfundível está associada quer a alguns desses inesquecíveis fados quer a muitos outros que também trazemos no ouvido (e no coração) desde os nossos tempos de estudante.

Ângelo de Araújo - por extenso o Dr. Ângelo Vieira de Araújo, ilustre médico fisioterapeuta do Hospital Militar Principal, em Lisboa - viveu em Coimbra, com residência na Real República do Kalifado, de 1937 a 1947, tantos anos quantos os da Guerra de Troia, como o seu antepassado João de Deus. A pretexto de obter um canudo que o habilitasse a tratar-nos da saúde, aproveitou esse tempo para fazer versos, com por bonitas melodias, cantar, sonhar, e até para cumprir o serviço militar obrigatório e - imagine-se! - para estudar Medicina.

Nascido em S. João da Madeira em 1920, no dia 1 de Janeiro, começou a estudar para médico logo aos dezasseis anos, em 1936, no Porto, revelando já aí, a par da vocação para a arte de Esculápio, uma inclinação irresistível para as malas-artes de Orfeu, o poeta que amansava as feras com os sons inebriantes que tirava das cordas da sua lira. Queremos dizer com isto que, já nesse tempo, o jovem Ângelo se distinguia no meio académico como cantor e instrumentista, respectivamente no Orfeon Universitário do Porto, como 2º tenor, e na Tuna Universitária da mesma cidade, como solista de banjolin. (Estes agrupamentos musicais eram dirigidos então pelo Maestro Afonso Valentim).

A sua estrela, porém, brilhava era mais cá para o sul, por sobolos "saudosos campos do Mondego", e o jovem caloiro de Medicina do Porto não teve como resistir ao seu apelo. De facto, logo no ano seguinte, eilo de trouxa aviada rumo à Lusa Atenas, com o seu saco de sonhos ao ombro. Na jornada, uma Feiticeira saiu — lhe ao caminho e fadou-o, dizendo que o seu nome ficaria em letras de ouro na História do Fado de Coimbra, mas que prestasse bem atenção: aquele vaticínio só se cumpriria se o jovem futuro fadista de Coimbra lhe dedicasse o seu primeiro fado. Ângelo de Araújo não se esqueceu desta cláusula e, mal despertou para o fado de Coimbra, logo suspirou, ao som da lira:

"Oh meu amor, minha linda feiticeira...".

Estava traçado, na verdade, o seu fado: Ângelo de Araújo ia, realmente, tornar-se um dos mais famosos compositores e letristas de fados e de canções de Coimbra. Logo a começar, esse fado da Feiticeira (o primeiro do seu fadário) ganhou grande popularidade ao ser divulgado nos anos 40 pelo então famoso estudante-cantor Manuel Julião e acabou por se tornar um clássico. Outros fados e canções se lhe seguiram, como Suspiros que Nascem da Alma, Contos Velhinhos, Minha Capa já Velhinha, Carta, Balada ao Crepúsculo, Coimbra dos Meus Encantos, Santa Clara e Amor, Amor e mais Nada, dos quais, entre os mais antigos, também é hoje um clássico Contos Velhinhos, tal como se está a tornar, entre os mais modernos, Santa Clara, por exemplo. Clássico também é o fado Maria, se Fores ao Baile, inspirado numa canção popular, a cuja letra Ângelo de Araújo acrescentou versos da sua lavra, afeiçoando ao mesmo tempo a música ao seu estilo, sem adulterar a linha melódica original.

Não foi, todavia, apenas como autor e cantor de fados de Coimbra que Ângelo de Araújo assinalou a sua passagem pela velha Academia. Também fez parte da Tuna Académica (1º violino) e da respectiva Orquestra Havaiana, do conjunto Fado Académico e de diversas outras formações musicais estudantis, exercendo o seu virtuosismo quer como cantor quer como executante de violino, banjolin, guitarra e viola. E também fez parte do TEUC (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra)...

Quer dizer: Ângelo de Araújo não passou por Coimbra anonimamente nem o seu nome está hoje esquecido entre os que prezam as tradições coimbrãs. Muitos dos seus fados entraram no reportório de alguns dos mais célebres cantores de Coimbra, como Luiz Goes, José Afonso, Fernando Rolim, Alexandre Herculano, António Bernardino e José Mesquita, para só citar os que gravaram fados seus em disco. E quem não viu (falo agora dos antigos estudantes de Coimbra mais antigos) o filme (aliás, muito contestado pela Academia) Capas Negras, de Armando de Miranda, onde foram gravadas, nas vozes de Alberto Ribeiro e Domingos Marques, duas composições de Ângelo de Araújo, uma das quais o festejadíssimo fado da Feiticeira?

Esta é, desenhada a traços largos e imperfeitos, a figura que foi tema na nossa Tertúlia Académica de 27 de Maio. E agora é tempo de dizer que a iniciativa de se dedicar uma reunião da nossa Tertúlia Académica a Ângelo de Araújo partiu do Colega Gustavo Cerdeira,

que, para o efeito, concebeu um espectáculo muito no seu estilo, a que deu o título de Noite do Ângelo e que foi encenado por ele mesmo no palco do salão de festas da Casa do Pessoal da EDP, à Estefânia. O salão, apesar de amplo, foi insuficiente para instalar os admiradores e amigos quer do Ângelo quer do Gustavo, desejosos, todos, de não faltarem ao encontro com o lídimo cantor de Coimbra e, ao mesmo tempo, ansiosos por não perderem o espectáculo, que se sabia assinado pelo já consagrado festaiolo da nossa Associação. De facto, não ficaram cadeiras vazias na plateia nem espaços por preencher onde quer que, de alguma maneira, as pessoas se pudessem acomodar. Foi o que se pode chamar, propriamente falando, uma noite em cheio.

O sinal para o início da sessão foi dado pela redução (quase extinção) das luzes da sala. A pouco e pouco fez-se silêncio e, naturalmente, o público orientou o olhar para o palco, onde já estavam a nossa Presidente, Fátima Lencastre, o José Henrique Dias e o autor e encenador do espectáculo, Gustavo Cerdeira. Os altifalantes fizeram então ecoar na sala as primeiras notas da Balada de Coimbra e o espectáculo começou.

Quando as notas da Balada se extinguíram, José H. Dias tomou a palavra para anunciar o que se ia ouvir a seguir, a saber: as vozes gravadas de Arménio Marques dos Santos, António Bernardino (= 1997) e Fernando Rolim, interpretando as primeiras estrofes dos fados Santa Clara, Contos Velhinhos e Feiticeira, música e letra de Ângelo de Araújo.

Após este aperitivo musical, que logo impregnou o ar daquele inconfundível perfume da Saudade de Coimbra que só quem por lá passou reconhece em qualquer parte onde soam as notas de um fado de Coimbra, foi a vez de o Gustavo avançar ao proscénio e dirigir-se ao público - em verso, como sempre o obriga a verve repentista - falando do que se propunha ser aquele serão, isto é (parafrazeando as suas próprias palavras): uma noite de alegria e amizade, com fados, guitarras e poesia - enfim, uma noite para recordar (como acabou sendo, de facto).

Só depois se acenderam as luzes na sala, tendo-se entretanto retirado de cena o Gustavo. Agora, no palco, apenas a Fátima e o José H. Dias. Cabia-lhes daí em diante debitar a didascália que daria entrada aos quadros e os explicava quando necessário.

O primeiro destes quadros teve como protagonista o próprio Ângelo de Araújo, que recitou versos seus, de um humor muito coimbrão, sobre a sua caricatura tirada do Livro da Queima das Fitas e ali projectada em grande formato num écran ao fundo do palco.

Seguidamente a cena encheu-se com os componentes do Grupo Coral da nossa Associação, formado ad hoc pela Maria Antónia, a Isabel Alexandre, a M^a



Olga Afonso dos Reis, a Sílvia, o João Menano, o Aurélio dos Reis, o Alcindo Costa, o Fernando Pardal e o saudoso Abel Silva. Deviam cantar apenas, segundo vinha no texto-guião, a bela canção popular Maria, se Fores ao Baile, no arranjo que todos conhecemos de Ângelo de Araújo, mas, toma-

dos de súbita e indomável inspiração, jorraram sobre a plateia, cantando cada um para seu lado, ou mesmo para os lados uns dos outros, e estropiando alegremente, sem cerimónia, letras e músicas, todo o seu reportório. Foi como a invasão dos Centauros na festa da Cidade. (Não é preciso dizer que o Grupo Coral da nossa Associação ainda está na fase em que começou o Direito Romano...).

O quadro seguinte foi um momento de poesia, em que um florilégio de poemas de Ângelo de Araújo foi interpretado pelos Colegas Maria Luiza Costa e Carlos Carranca e pelo próprio Ângelo, fechando-se assim a primeira parte da sessão com chave de ouro.

No intervalo ouviam-se opiniões. Era evidente a unanimidade dos termos de apreço pela figura de Ângelo de Araújo. Todos os que ali estávamos tínhamos os seus fados ligados à nossa saudade do tempo de estudantes, porque eles não duraram só o tempo de Coimbra do seu autor: em todos os tempos de Coimbra que vieram depois continuaram ecoando do largo da Sé Velha às ruas e becos da alta do velho burgo mondeguinto. Por isso todos achávamos justíssima essa (que certamente ia ficar inesquecível) Noite do Ângelo.

A segunda parte da sessão foi preenchida, principalmente, com fados de Coimbra, como era inevitável, alguns dos quais "para o Ângelo" (isto é, fados de diversa autoria dedicados, nesta performance, a Ângelo de Araújo) e outros "do Ângelo" (isto é, com música e letra deste cantor e poeta), cantados e acompanhados à guitarra e à viola por antigos académicos de Coimbra cujos nomes fazem parte da constelação dos grandes intérpretes do fado coimbrão de outrora e de agora, a saber: os cantores Alcindo Costa, Alexandre Herculano, Anarolino Fernandes, Arménio Marques dos Santos, Augusto Camacho, Barros Ferreira, Rodrigues Rocha e Sutil Roque, os guitarras Alexandre Bateiras, Carlos Couceiro e Teotónio Xavier e os violas António Toscano, Durval Moreirinhas, João Gomes, Levy Baptista e Tito Mackay. A este momento alto do serão, o próprio

Ângelo de Araújo também emprestou a sua ainda segura e bem timbrada voz. Enfim, todos deram à festa, por um lado, o cunho académico que era indispensável que tivesse, e, por outro, o alto nível artístico que Ângelo de Araújo merecia nesta “sua” inesquecível Noite.



No final, a apoteose: Todos, no palco, rodeando o Ângelo de Araújo e cantando com ele, acompanhados pela plateia, o seu fado-canção Amor, Amor e Mais Nada. Que melhor fecho para este serão?

Mas houve ainda um epílogo: o Gustavo, antes que os artistas e o público dispersassem, subiu pela última vez ao palco e solicitou a presença em cena de todos os intervenientes no espectáculo (as suas palavras foram: “todas as estrelas da Noite do Ângelo”) para assinarem a acta da sessão. Antes, porém, de se proceder à cerimónia da assinatura, leu ele mesmo a acta, um precioso documento artístico com texto da sua autoria e execução plástica do Alexandre Salgado Dias, nosso colaborador administrativo, do qual documento damos nesta página uma reprodução em formato reduzido.

Foi uma noite inesquecível, esta Noite do Ângelo. Pelo seu êxito felicitamos o Gustavo Cerdeira, de quem partiu a iniciativa desta tertúlia tão especial e

que para ela concebeu um belo espectáculo e escreveu o respectivo texto-guião, e o próprio Ângelo de Araújo, que se viu assim t o m a d o como pretexto de uma festa de amigos ao nível do seu prestígio.

Eduíno de Jesus

II - Tertúlia “3 Consultas de Graça

A Circular de Junho já anunciava a próxima Tertúlia Académica que se ia efectuar em 16 do mês seguinte como uma “Surpresa... das surpresas”.

Habituação, como estou, às realizações culturais promovidas pela Direcção, que não regateia esforços para levar a Cultura à nossa Associação, entusiasmei-me com a ideia de assistir à “Tertúlia” das “Surpresas”.

E é que não perdi o meu tempo.

Três ilustres “especialistas” da nossa Associação abordaram temas que são de uma candência sempre actual.

Gostei de ouvir a magistral lição que nos deu o Carlos Rocha sobre a “Competência”.

Com a graça que acompanhou sempre a sua prelecção, convenci-me logo que estava na presença de um lente a falar de competência.

No final gostei tanto, tanto, que além de muito competente o achei mesmo uma “lentência”.

A Manuela Alves da Costa, na sua dupla qualidade de engenheira química e de cozinheira exímia, ensinou-nos a escolher a alimentação que devemos consumir. Aprendi muito com os ensinamentos que nos proporcionou e só foi pena que não fosse além da aula teórica. Faltou a prática e eu sei que ela, nessa “aula”, convence mesmo.

O Alves de Matos abordou com a sua habitual bonomia um tema que lhe é bastante familiar. O seus doentes sabem-no bem. Falou do “stress”. Tema mais actual não podia encontrar. Falou do “alarme”, da “resistência” e da “morte”.

Ensinou as maneiras de controlar o “stress”: aprende a dizer “não”, faz “pausas”, olha o “lazer”, “o dinheiro não é tudo”, etc. etc. Fiquei tão alquebrado que senti na pele o que era o “stress”.

Valeu-me o resto do programa, em que me delicieei a ouvir a Luiza Costa a recitar. Evadi-me do “stress”, refugiando-me na música do Alexandre Bateiras e do Tito Mackay, que fazem falar a guitarra e a viola.

O Tito Costa Santos, que canta como nunca, fez-se ouvir num fado muito bonito, que levantou os mais fortes aplausos. O nosso novel “AD HOC”, sob a hábil batuta da Olga Reis, fez as delícias de todos quantos assistiram a tão memorável Tertúlia.

Finalmente, o Gustavo mimoseou-nos, recitando o seu poema “Três Consultas de Graça”.

A sua veia irreverente mais uma vez “deu à luz” uma produção digna de uma Antologia dos Poetas da Actualidade. Eram as “Cartas” que mandou a todos no final da reunião. Estamos gratos ao Gustavo por mais esta manifestação que contribuiu, na realidade, para mais um tempo alto de cultura na nossa Associação.

João Maria



DR. ÂNGELO VIEIRA ARAÚJO

“Amor... Amor... e mais nada”

Um livro. Uma homenagem



O Ângelo a escrever mais uma dedicatória

Há mais de trinta anos, quase oitenta, nasceu em Carquejido (S. João da Madeira) o Ângelo Vieira Araújo. De lá saiu cedo, voando “em busca do seu espaço”, e poisou em Coimbra.

Aqui, fez-se médico, poeta, compositor, guitarrista, cantor e, porque também se licenciou em “Amor... Amor...E Mais Nada”, fez-se ainda um dos nossos melhores Amigos.

Pois bem. Por feliz iniciativa e louvável trabalho do Brigadeiro João de Deus Quintela, foram coligidos em livro os versos que a humildade do Ângelo Araújo se limitava a amontoar, incluindo letras de famosos fados e canções de Coimbra, que por mérito próprio há muito ganharam já

foros de imortalidade.

Pronto o livro, havia agora que apresentá-lo ao público. Disso se encarregou a Câmara Municipal de S. João da Madeira, que assim quis expressar a sua homenagem a este admirado conterrâneo. Foi a 15 de Outubro de 1999.

Claro que nós não podíamos faltar. O Gustavo Cerdeira encarregou-se dos logísticos preliminares e nós... pusemo-nos a caminho. Levávamos no coração a alegria e o orgulho da merecida homenagem a um dos nossos. Ninguém poderá levar-nos a mal.

Depois de retemperador almoço em Espinho, com direito a vista para o mar, rumámos a Santa Maria da Feira, onde, à porta do Castelo, fomos recebidos pelo também antigo estudante de Coimbra, Dr. Eduardo Vaz de Oliveira, seguindo-se uma visita ao Castelo, guiada pelo muito saber e entusiasmo do Sr. Manuel Tavares. Bem pertinho, situa-se o belo Palácio dos Loios. Aqui, a vereadora do pelouro da Educação da Câmara Municipal da Feira, D. Conceição, em representação do respectivo presidente, distinguiu-nos com um Porto de Honra, a que não faltaram os típicos “caladinhos” e “fogaças”. A nossa presidente Fátima expressou ali o agradecimento à Câmara, na pessoa de D. Conceição, bem como àqueles dois membros fundadores da Comissão de Vigilância do Castelo, não se esquecendo de D. Paula Magalhães, do Turismo, pela sua valiosa e simpática colaboração na organização da visita.

Assim, ainda mais retemperados e a cogitar sobre o que

ouvíramos no Castelo quanto ao lugar onde nasceu a nossa nacionalidade (Guimarães ou Feira?), lá fomos para a almejada meta: S. João da Madeira, o nosso Ângelo Araújo.

Já passava das seis da tarde, quando chegámos à Câmara Municipal de S. João da Madeira. Entrámos. Mas... há eleições? Não! É apenas uma longa fila de admiradores do Ângelo Araújo que, com visível prazer, empunhavam já o seu livro “Amor...Amor...E Mais Nada”, para que ele o autografasse.

Subidos depois ao auditório, o vereador do pelouro da Cultura, Sr. Nelson Fernandes, abriu a sessão, traçando, com justificável orgulho, a biografia do homenageado, como ilustre sanjoanense. Elogiou o homem, o poeta, o amigo.

E chegou a vez de o Professor Doutor M. Ramos Lopes, também médico, também poeta, também dos melhores amigos do Ângelo Araújo, fazer a apresentação pública do livro. Com mestria. Com emoção. Com sentido agradecimento pela feliz iniciativa do Brigadeiro Quintela. O Gustavo Cerdeira não resistiu então a traduzir em duas belas quadras o que todos sentíamos dentro de nós em relação ao nosso Ângelo Araújo: admiração e orgulho, “só amor”.

Finalmente, levantou-se o Ângelo Araújo. Emocionado. Para agradecer. Foi o poeta e o amigo. Em verso. Lindo. Voltou-se para nós e confessou: “*Convosco no coração*”. Assim:

*Procuro-me em todos vós
porque em verdade
é em todos vós que eu me encontro...
E é só assim
que consigo
entender-me a mim!...*

*Como parcela infinitamente pequena
de toda a Humanidade
é nessa Humanidade
que me sinto ser eu;
é com ela que me sinto viver;
e é por ela que quando eu morrer
vos irei ceder
em testamento
uma parte do meu Céu
para continuar, no Além,
a encontrar-me em todos Vós
sem excepção,
e assim,
convosco no Coração,
continuar a encontrar-me a mim!*

A sessão foi encerrada com a chancela duma serenata de Coimbra, tocada pelo Xavier, o Cabé e o Toscano, cantada pelo Tito e o Alcindo, e enternecida pela poesia do Ângelo Araújo: "Feiticeira" e "Contos Velhinhos". Rematou o próprio Ângelo Araújo, à guitarra e à voz, com "Amor...Amor...E Mais Nada". Foi chave d'ouro. Sentida.

Estava a chegar ao fim esta jornada, precisamente de "Amor...Amor...E Mais Nada". Esperava-nos uma longa viagem de regresso. Para tanto, necessitávamos do indispensável "combustível". Por isso, foi com etéreo prazer que nos deslocámos ao Restaurante Executivo e aí enchemos os "depósitos" com saboroso e requintado jantar, camarariamente oferecido na voz apreciada do vereador Nelson Fernandes, e que o Gustavo, em verso, e a Fátima, em prosa, supinamente agradeceram.

Foi um dia feliz e justo para o Ângelo Araújo. Foi um dia de felicidade para todos nós, apenas alguns dos seus grandes amigos.

Agora, no autocarro, foi só encostar a cabeça e, já com a carinhosa saudade e o natural cansaço de alguns "entas", mergulhar no sabor da merecida e onírica tranquilidade.

Até à próxima.

Reportagem de *Carlos Rocha*

Os Nossos Poetas

CARTA DE COIMBRA

Amor, é de Coimbra que te escrevo.

*- Viemos prestar provas de
saudade,*

*Viemos recordar a mocidade
e um mesmo grande Amor e doce enlevo!*

*- A mesma branda luz a dar relevo
às coisas e às pessoas da cidade.*

*O mesmo tom, a mesma suavidade
do velho casario medievo.*

*Tudo igual em Coimbra: os estudantes,
os mestres, sempre sábios e brilhantes,
as mesmas travessuras do Mondego.*

*- E há sempre uma mulher que nos
encanta*

*seja à maneira da Rainha Santa,
seja da linda Inês posta em sossego.*

Coimbra - 1993

Moura Coutinho

MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE COIMBRA

I - Os Globetroters em Coimbra

Enquanto presidente da direcção da secção de Basquetebol da AAC, tive o grato ensejo de estabelecer os contactos com vista à exibição em Coimbra dessa esplendorosa equipa americana que era a dos Globetroters de 1950.

Acabei por formalizar o contrato com o empresário Correia César, que foi internacional do Sporting em andebol, por 25 000\$00, que tinham de ser pagos com receita de bilheteira, já que subsídios não havia nessa altura.

À falta de recinto que comportasse o numeroso público que se esperava assistisse, resolvemos improvisar um campo de basquetebol, em terra batida..., no velho campo de futebol de Santa Cruz. Assim, a bancada de topo, junto aos balneários, funcionaria como bancada central (estimámos o nº de lugares em 3000) e as tabelas foram trazidas de outro campo. Mas, não satisfeitos com esse número de lugares, pedimos emprestadas as bancadas das regatas de remo, da Figueira da Foz, que estavam colocadas na margem direita do Mondego.

Chegados a Coimbra, os Globetroters foram instalados no hotel Astória, onde tivemos de juntar duas camas atravessadas para cada jogador, dada a sua estatura. Comandados por Abbe Saperstein, lá nos encontramos com Marques Heinz, Gooze Tatum, etc., que eu mirava de baixo para cima. Logo ali fiz a entrega dos 25 000\$00.

A exibição teve lugar numa bela noite de Primavera. Quando os

jogadores chegaram ao campo de Santa Cruz, na minha companhia, verifiquei que na bancada de cimento todos os espectadores estavam de pé e só com muita dificuldade aqueles puderam descer até ao campo. Vim mais tarde a reconhecer que nos tínhamos enganado no cálculo da capacidade da bancada: ela levava 800 espectadores sentados e não os 3 000 estimados... Perante tanta assistência, o treinador Saperstein, bom judeu, comentou para o intérprete, o capitão Tamagnini, que foram “levados” no preço da exibição... De uma coisa ainda hoje estou certo: é que essa jornada rendeu à AAC mais de 80 000\$00, o que nos veio a permitir instalar a equipa no hotel Excelsior, em Lisboa, quando lá tínhamos de nos deslocar... para vencer o Benfica... por larga margem...

Não tenho hoje palavras para descrever as jogadas de sonho que aqueles exímios basquetebolistas desenvolveram no campo, em que os nossos habilidosos Toninho Serra e Moura e Morgado participaram à sua maneira. Lembro-me ainda da cara do Araújo e Sá ao ser desfeito pelo Gooze Tatum... E também do primeiro cesto sofrido pelos americanos na Europa e que foi marcado pelo Alberto Martins...

Passaram os anos e, em 1992, no Algarve, o Eng. Santos Martins, que fora jogador do IST e do Barreirense, portanto nosso adversário, lembrava-me que, sendo amigo do Humberto Guerreiro, também director da secção de

Basquetebol da AAC, este o desafiou a ir a Coimbra para assistir ao espectáculo. Naturalmente, acompanhou os preparativos do mesmo. E recordou-me ele, com graça, o problema surgido com o Governo Civil por causa da banca da da Figueira da Foz. É que se tornava necessária uma vistoria da mesma a anteceder a eventual autorização ou não para a sua utilização, e nós não sabíamos. O certo é que os bilhetes já estavam vendidos... pelo que não podíamos esperar por essa autorização... Num “desenrascanso” académico, pedi ao Xico Serra e Moura, tesoureiro da secção, para ligar o telefone para eu falar com o Ministro da Educação Nacional, que era o Prof. Doutor Fernando Pires de Lima, que tinha cara de poucos amigos... mas que sempre nos tratou bem!

Nessa altura, o estudante Santos Martins terá dito para consigo mesmo: este tipo é maluco!... Tal era a ideia que os estudantes, de uma maneira geral, tinham do Ministro...

O certo, porém, é que, feita a ligação, comecei por cumprimentar o Ministro e expuz-lhe a situação... E, como era normal, as causas justas sempre tiveram acolhimento no Ministério... E tudo correu como pretendíamos...

Assim se realizou a primeira exibição dos Globetroters na Europa: em Coimbra, mais precisamente!

Armando Rocha

II - Da Primeira Filha da Sebenta (5)

Eram de festa aqueles domingos em que a Briosa jogava no velho Campo de Santa Cruz. Aquela bancada de topo, que era a nossa, atapetava-se do negro das capas e batinas, ressoava nas copas hieráticas da Sereia o grito cadenciado que empolgava os nossos colegas, que lá em baixo, no rectângulo pelado, operavam em golpes de génio as nossas alegrias. A-cadé-mi-ca! A-cadé-mi-ca!

Capas ao ar quando o golo saltava das gargantas, negras de tristeza quando a derrota coonestava as tácticas dos teóricos no lazer das tardes de café no Montanha, na Brasileira, depois no Arcádia.

Porém, dominava sempre um sobressalto de orgulho, porque na segunda-feira os atletas estavam connosco nas aulas, fosse na Universidade, fosse no D. João III, na Escola Agrícola ou no Colégio S. Pedro. Éramos nós, caramba, todos nós que afinal, equipados de negro, participávamos do desafio, partilhávamos a alma na euforia da vitória ou na vaga disforia da derrota, porque importante, sim, era o horizonte do curso e o futebol não mais do que o entre-acto das alegrias possíveis nas manhãs dos jogos dos juniores ou das reservas, e as tardes para os benficas e os outros, que ninguém nos tirava aquela vitória da primeira Taça de Portugal. Relíamos na placa da parede da casa dos balneários os nomes dos heróis. Os mais novos até pudemos surpreender o talento de Alberto Gomes, perdão, do Dr. Alberto Gomes, como saía nos jornais desportivos, regressado aos campos para recuperar a Académica numa descida de divisão. Símbolo de uma época, formado e há muito longe dos

campos, calçava de novo as botas e rasgava as defesas com passes geométricos que deslumbraram gerações de estudantes.

Mas nada tão saboroso como um jogo com o União. Eram duas coimbras que desciam ao campo para marcar os terrenos da sua vivência. Talvez que alguém se tente a falar de luta de classes. Talvez. Ou mais outra coisa, enfrentamento do que a tipologia social separava em estudantes e futricas, rivalidade de bairro entre a Alta e a Baixa, medindo-se em escaramuças ocasionais, mas que logo se coligavam para enfrentar a polícia símbolo do poder autocrático.

Desses jogos, nenhum pesou tanto como o de uma tarde de Agosto de 1947. Nesse dia levou chuto no rabo ao entrar em campo um mocito de dezassete anos, ido de Portalegre, que se chamava António Bentes, e que haveria de tornar-se no estonteante rato-atómico, o mais fabuloso ponta-esquerda do nosso futebol.

Mas perdemos, julgo que por 5-1, e logo em Santa Cruz. Eufóricas, as hostes unionistas lançaram uma canção, com música de um filme que tratava de marinheiros, então muito em voga:

"Santa Cruz foi cemitério/ de derrota sem igual/ foi nosso grande Ermitério/ quem lhes fez o funeral/ esse grande desafio/ que deixou recordações/ foi para lhes tirar o pio/ e também as ilusões. // Lá vão eles/ Coitados metem horror/ A pedirem por favor/ Ao ministro protecção./ Lá vão eles/ De luto todos vestidos/ Aborrecidos/ Prá Segunda Divisão".

O Ermitério era um interior-direito atarracado, acabado de chegar,

rápido no drible e lesto no remate, que naquela tarde fez dois ou três golos. O União apresentava nova equipa, forte e experiente, que nos surpreendeu e esmagou.

Naquele tempo tinha de vencer-se os regionais e depois era o campeonato nacional. A nossa equipa militava na primeira divisão, era e deveria ser sempre o nosso lugar. O resultado enegrecia o horizonte...

Só que o que a cantiga vaticinara ficaria por cumprir. Não precisávamos dos favores do poder, os campeonatos ganhavam-se no campo, em luta leal e viril, com talento e alegria.

Ora aconteceu que a forte equipa do União Futebol Coimbra Clube, como então se chamava, foi derrotada na Figueira pelo Naval. No tira-teimas da segunda mão, na Arregaça, ganhámos o jogo e ocupámos o lugar que era nosso, o primeiro lugar, e lá caminhámos para os desafios do nacional, ver os cinco violinos do Sporting, mais o fabuloso Azevedo na balisa, o Francisco Ferreira e o Teixeira (Gasogénio) do Benfica, que precisava de açaimo para poupar a barriga do Faustino, o Araújo e o Correia Dias do Porto ou o Travassos que então era da CUF ou talvez dos Unidos do Barreiro, o Lourenço e o Bravo do Estoril Praia, o Grazina e o Cabrita do Olhanense, todos aqueles que conhecíamos da colecção que vinha com rebuçados. Vinhetas coloridas que colávamos em cadernetas que ficavam sempre com um rectângulo em branco, porque faltava "o mais custoso", um gajo de que esqueci o nome e era do Vitória de Setúbal.

Os Nossos Passeios

Cá Dentro

I - DA PRIMAVERA - TOMAR Dias 1 e 2 de Maio

Ao todo, éramos 104. Dois autocarros levaram-nos em direcção ao Lago Azul onde nos aguardava o barco “S. Cristóvão” que nos proporcionou um “Cruzeiro” magnífico, de 4 horas, em que pudemos deleitar-nos com um cenário de verdes repousantes de verdadeiro encanto. A Barragem de Castelo de Bode deu-nos a conhecer as belezas naturais e pródigas daquela região tão apreciada.

O almoço, que durante este passeio fluvial nos foi servido, não precisou do livro de Reclamações. Tão bom ele foi!

Terminado o “Cruzeiro” os dois autocarros seguiram em direcção ao Hotel dos Templários. Após breve descanso, todos nos aperaltámos para assistir à peça “T de LEMPICKA” que iria ser representada, exclusivamente para nós, no Convento de Cristo pela “Companhia de Teatro Fatias de Cá”. A peça, que era um relato fantástico da Itália fascista, tinha a originalidade de levar os espectadores a seguir os intérpretes por várias salas consoante o interesse que despertasse em cada um dos grupos.

Antes do início do espectáculo foram-nos servidos vários aperitivos e, no intervalo, um jantar self-service que deu azo a que houvesse uma troca de impressões com os actores.



No Convento de Cristo



No Passeio Fluvial

No dia seguinte, a cultura esteve presente. Visitou-se o Convento de Cristo. Formaram-se dois grupos. A orientação esteve a cargo do seu Director Arq. Álvaro Barbosa e da Dr.^a Helena Mota Lima. Ambos foram brilhantes nas suas exposições.

Seguiu-se o almoço no Restaurante Mister Grill que agradou em pleno. Não foi preciso livro de Reclamações.

“Comida feita, companhia não desfeita” por que fomos acompanhados por duas gentis funcionárias do Turismo - Donas Fátima Profírio e Fernanda Proença - que nos mostraram a Igreja de S. João Baptista, Museu dos Fósforos, Olaria, Sinagoga e a Igreja de Santa Maria do Olival.

Todos nós ficámos encantados com o que vimos e ouvimos pelo saber e competência de quem nos guiou.

Terminado o circuito da cultura, seguiu-se o da doÁura. Foi grande o ataque às pastelarias para saborear os doces típicos da região. Aqui também não houve livro de Reclamações. Reclamações houve, mas por outra razão: os bolos não chegaram para as encomendas. Naquele dia muitas das pastelarias estavam fechadas!

Quase ao cair a noite, deixámos Tomar com destino a Lisboa.

Por tudo o que se passou nestes dois dias estamos certos que a visita a Tomar será, mais tarde, recordada por todos nós.

Gustavo Cerdeira

Pernoitamos em Tiberíades no Hotel Restal, o pior da viagem, que a Master Turismo deverá eliminar dos seus roteiros. Seguiu-se a travessia do Mar da Galileia em barças semelhantes às do tempo de Cristo e almoço típico cujo menu era constituído pelos peixes daquele mar que remontam a esse tempo e são denominados peixes de S. Pedro, têm um aspecto realmente arcaico e paladar pouco agradável.

A densidade populacional de Israel é caracterizada pela existência de comunidades tão diferenciadas que aspectos essenciais do seu quotidiano se alteram consoante o local que se visite.

Na **Palestina**, que está em gestação como Estado e será formado pela faixa de Gaza e bolsas dentro do actual território de Israel, os palestinos como muçulmanos guardam a 6ª feira como seu dia santo, os judeus o Sábado e os cristãos o Domingo.

Em consequência é frequente, na mesma localidade passar-se de um bairro de intenso movimento de pessoas, veículos e vida comercial activa para outro em que tudo está rigorosamente deserto e paralizado.

Salientamos o facto de termos ficado privados das torradas ao pequeno almoço nos Sábados já que para os judeus é sacrílego usar aparelhos eléctricos neste dia de semana.

A íngreme subida ao **Monte Tabor** só possível em táxis colectivos de 7 pessoas, deu-nos a conhecer a Igreja da Transfiguração que, como muitas outras, está entregue pelo Vaticano à guarda dos Franciscanos, que zelam por quasi todos os Lugares Santos debaixo da jurisdição da Igreja Católica.

Paralelamente, as Igrejas Ortodoxas Grega e Russa, Cristãos Coptas do Egipto, etc., têm alguns outros Lugares Santos à sua guarda.

Fascinante foi conhecer **Nazaré**, cidade árabe entre outras que ficarão integradas na Palestina, fervilhante de pessoas e comércio e que o Papa visitará no Ano do Jubileu de 2000.

Consequentemente, no próximo ano todos os hotéis de Israel estarão esgotados e será inútil os associados "pressionarem" a Direcção para organizar nova viagem a este país já que após a leitura deste artigo, certeza se entusiasmarão e desejarão concretizar este passeio que foge ao trivial e representa um marco espiritual e cultural nas nossas vidas.

Em Nazaré onde **Jesus Cristo** passou a maior parte de sua curta existência de 33 anos, é impressionante a Igreja da Anunciação com dezenas de gravuras da Virgem Maria no seu interior e nos claustros, oferecidas por um número considerável de países.

As mais representativas encontram-se no interior do templo e entre elas a que foi oferecida por **Portugal**, em azulejos azuis e brancos. Salienta-se a Nossa Sr.ª oriunda do Japão com seu quimono cravejado de pérolas e pedras preciosas.

Jericó sendo considerada a cidade mais antiga do mundo é hoje uma povoação árabe, estagnada no tempo. Por antecipação foi nos permitido utilizar o teleférico que dias mais tarde seria oficialmente inaugurado e nele chegamos ao **Monte das Tentações**. Neste local, para além de podermos desfrutar de uma deslumbrante paisagem, um pequeno grupo de "atletas" que se predispôs a subir ainda mais, teve a glória de atingir o mosteiro ortodoxo grego com 3 frades residentes. Estes compensaram o nosso esforço com um sumo de limão bem fresquinho.

Refira-se que ingerir água e sumos foi obrigatório na viagem, única forma de evitar uma desidratação.

O fabuloso Resort Village Hotel de Jericó implantado na aridez do local, salienta o gritante contraste entre a miserável povoação circundante e o conforto que se usufrui neste excelente e arborizado hotel.

No 6º dia da viagem atravessámos a fronteira, após a mudança de autocarro e de guia, iniciamos a nossa estadia na **Jordânia**. Neste país, o

nível de vida é muito inferior a Israel. Saliente-se o facto de cerca de 85% do território com uma área sensivelmente igual à de Portugal, ser constituído por deserto.

A chegada a **Amman** foi precedida pela visita de Jerash, cidade do Decapólis, com muitos vestígios da antiga cidade romana.

Amman surpreende pela modernidade da sua estrutura urbana e movimento próprio das grandes metrópoles.

A travessia do deserto é constante com a sua paisagem desolada salpicada com raros acampamentos de beduínos com as suas tendas e animais.

Madaba conserva as ruínas da antiga cidade bizantina e mais adiante chegamos ao Monte Nebo, onde Moisés admirou a terra prometida, com impressionante vista panorâmica do **Vale -do Jordão, Jericó e Mar Morto**.

Petra na parte central da Jordânia constituiu um dos pontos altos da viagem. Alojados em **Wadi Moussa** a escassos quilómetros de **Petra** visitámos esta antiga cidade de Nabateos do século III A.C. utilizando os únicos meios possíveis: a pé, a cavalo ou de carroça, passando por desfiladeiros que vão desembocar em fantásticos monumentos esculpidos na rocha côm de rosa de que emana um encanto absolutamente único e que só vendo e sentindo é possível entender.

Neste local foram realizadas as filmagens dos "Salteadores da Arca Perdida". A civilização dos nabateos extinguiu-se com a conquista dos Romanos, e mais tarde com a queda do seu império, este local que constitui um impressionante testemunho de uma civilização avançada manteve-se no obscurantismo durante cerca de 600 anos. Em finais do Séc. XVIII o espírito aventureiro de um jovem arqueólogo suiço permitiu a sua descoberta, mantida em segredo pela suposição da existência de tesouros e consequentemente com acesso interdito.

A postura das autoridades alterou-

Pernoitamos em Tiberíades no Hotel Restal, o pior da viagem, que a Master Turismo deverá eliminar dos seus roteiros. Seguiu-se a travessia do Mar da Galileia em barcaças semelhantes às do tempo de Cristo e almoço típico cujo menu era constituído pelos peixes daquele mar que remontam a esse tempo e são denominados peixes de S. Pedro, têm um aspecto realmente arcaico e paladar pouco agradável.

A densidade populacional de Israel é caracterizada pela existência de comunidades tão diferenciadas que aspectos essenciais do seu quotidiano se alteram consoante o local que se visite.

Na **Palestina**, que está em gestação como Estado e será formado pela faixa de Gaza e bolsas dentro do actual território de Israel, os palestinos como muçulmanos guardam a 6ª feira como seu dia santo, os judeus o Sábado e os cristãos o Domingo.

Em consequência é frequente, na mesma localidade passar-se de um bairro de intenso movimento de pessoas, veículos e vida comercial activa para outro em que tudo está rigorosamente deserto e paralizado.

Salientamos o facto de termos ficado privados das torradinhas ao pequeno almoço nos Sábados já que para os judeus é sacrílego usar aparelhos eléctricos neste dia de semana.

A íngreme subida ao **Monte Tabor** só possível em táxis colectivos de 7 pessoas, deu-nos a conhecer a Igreja da Transfiguração que, como muitas outras, está entregue pelo Vaticano à guarda dos Franciscanos, que zelam por quasi todos os Lugares Santos debaixo da jurisdição da Igreja Católica.

Paralelamente, as Igrejas Ortodoxas Grega e Russa, Cristãos Coptas do Egipto, etc., têm alguns outros Lugares Santos à sua guarda.

Fascinante foi conhecer **Nazaré**, cidade árabe entre outras que ficarão integradas na Palestina, fervilhante de pessoas e comércio e que o Papa visitará no Ano do Jubileu de 2000.

Consequentemente, no próximo ano todos os hotéis de Israel estarão esgotados e será inútil os associados "pressionarem" a Direcção para organizar nova viagem a este país já que após a leitura deste artigo, certamente se entusiasmarão e desejarão concretizar este passeio que foge ao trivial e representa um marco espiritual e cultural nas nossas vidas.

Em Nazaré onde **Jesus Cristo** passou a maior parte de sua curta existência de 33 anos, é impressionante a Igreja da Anunciação com dezenas de gravuras da Virgem Maria no seu interior e nos claustros, oferecidas por um número considerável de países.

As mais representativas encontram-se no interior do templo e entre elas a que foi oferecida por **Portugal**, em azulejos azuis e brancos. Salienta-se a Nossa Sr.ª oriunda do Japão com seu quimono cravejado de pérolas e pedras preciosas.

Jericó sendo considerada a cidade mais antiga do mundo é hoje uma povoação árabe, estagnada no tempo. Por antecipação foi nos permitido utilizar o teleférico que dias mais tarde seria oficialmente inaugurado e nele chegamos ao **Monte das Tentações**. Neste local, para além de podermos desfrutar de uma deslumbrante paisagem, um pequeno grupo de "atletas" que se predispôs a subir ainda mais, teve a glória de atingir o mosteiro ortodoxo grego com 3 frades residentes. Estes compensaram o nosso esforço com um sumo de limão bem fresquinho.

Refira-se que ingerir água e sumos foi obrigatório na viagem, única forma de evitar uma desidratação.

O fabuloso Resort Village Hotel de Jericó implantado na aridez do local, salienta o gritante contraste entre a miserável povoação circundante e o conforto que se usufrui neste excelente e arborizado hotel.

No 6º dia da viagem atravessámos a fronteira, após a mudança de autocarro e de guia, iniciamos a nossa estadia na **Jordânia**. Neste país, o

nível de vida é muito inferior a Israel. Saliente-se o facto de cerca de 85% do território com uma área sensivelmente igual à de Portugal, ser constituído por deserto.

A chegada a **Amman** foi precedida pela visita de Jerash, cidade do Decapolis, com muitos vestígios da antiga cidade romana.

Amman surpreende pela modernidade da sua estrutura urbana e movimento próprio das grandes metrópoles.

A travessia do deserto é constante com a sua paisagem desolada salpicada com raros acampamentos de beduínos com as suas tendas e animais.

Madaba conserva as ruínas da antiga cidade bizantina e mais adiante chegamos ao Monte Nebo, onde Moisés admirou a terra prometida, com impressionante vista panorâmica do **Vale -do Jordão, Jericó e Mar Morto**.

Petra na parte central da Jordânia constituiu um dos pontos altos da viagem. Alojados em **Wadi Moussa** a escassos quilómetros de **Petra** visitámos esta antiga cidade de Nabateos do século III A.C. utilizando os únicos meios possíveis: a pé, a cavalo ou de carroça, passando por desfiladeiros que vão desembocar em fantásticos monumentos esculpidos na rocha côr de rosa de que emana um encanto absolutamente único e que só vendo e sentindo é possível entender.

Neste local foram realizadas as filmagens dos "Salteadores da Arca Perdida". A civilização dos nabateos extinguiu-se com a conquista dos Romanos, e mais tarde com a queda do seu império, este local que constituiu um impressionante testemunho de uma civilização avançada manteve-se no obscurantismo durante cerca de 600 anos. Em finais do Séc. XVIII o espírito aventureiro de um jovem arqueólogo suiço permitiu a sua descoberta, mantida em segredo pela suposição da existência de tesouros e consequentemente com acesso interdito.

A postura das autoridades alterou-

se quando se frustou a descoberta de tesouros, sendo hoje a verdadeira riqueza provocada pelo fluxo contínuo de turistas que vão explorar as belezas inumeráveis de Petra.

Wadi Moussa, a cidade vizinha transformou-se com os inúmeros hotéis existentes, salientando-se a protecção oficial aos turistas pela "tourist police" que até está presente nos autocarros de turismo.

Retomada a viagem para sul até **Akaba**, porto do **Mar Vermelho**, de novo passamos a fronteira, agora para Israel, entrando em **Eilat**, uma bela e moderna cidade marítima. As suas praias ao longo do Mar Vermelho são muito agradáveis. Desfrutámos de um inesquecível cruzeiro no Mar Vermelho, com almoço a bordo e banho para os mais afoitos em pleno mar alto, gozando a excelente temperatura da água.

Neste passeio pudemos avistar quatro países: **Israel, Jordânia, Egipto e Arábia Saudita**.

A etapa seguinte trouxe-nos mais e fortes emoções: o **Mar Morto**, o lugar mais baixo do mundo (440 metros abaixo do nível do mar) onde se encontram famosas fontes termais e os terapêuticos tratamentos de lama nomeadamente para as doenças de pele, sendo considerado o único a nível mundial com propriedades curativas da psoríase.

Um banho no Mar Morto é uma experiência única, já que a densidade do sal é de tal modo elevada, 10 vezes superior à dos outros mares, que o banhista flutua e só consegue deslizar sentado ou deitado. Um espectáculo!

Para Norte chegamos a **Massada**, local em que o rei Herodes construiu o seu palácio—fortaleza, último baluarte dos judeus na luta contra a ocupação dos romanos. É o símbolo da resistência do povo hebraico ao invasor.

Foi em Massada que os hebreus, apercebendo-se que já não conseguiam resistir mais tempo aos romanos, preferiram o suicídio colectivo à rendição.

Ainda nesta parte do actual ter-

ritório de Israel estão as grutas de **Quaren** onde foram acidentalmente encontrados por um pastor os originais do Antigo Testamento que ficaram sendo conhecidos pelos manuscritos do Mar Morto.

Antes de terminar a travessia do **deserto do Neguev** ainda passamos por **Betânia** para visitar a Igreja de Marta Maria e o túmulo de Lázaro.

Finalmente como corolário de tão marcante viagem, chegamos a **Jerusalém**, cidade santa para três religiões, dourada à luz do Sol, prateada sob o luar, foi louvada pelos profetas, glorificada pela literatura e pela liturgia e cantada pelos poetas de todos os tempos e latitudes.

Jerusalém é composta por duas palavras hebraicas que significam "cidade" e "paz". Revela-se ao visitante como um mosaico de povos e culturas, numa união de contrastes de carácter inigualável.

Há vestígios de 18 civilizações e nos seus múltiplos lugares santos a curta distância entre si, cruzam-se cristãos, judeus e mulçumanos que usufruem de liberdade de culto mantendo-se medidas de segurança para impedir situações de alarme ou de perigo.

O desejo que intimamente tínhamos, terá sido satisfeito com a visita guiada aos lugares bíblicos dos

quais destaco a **Via Dolorosa** ou **Sacra**, o **Muro das Lamentações**, o **Santo Sepulcro** e o **Túmulo da Virgem Maria**.

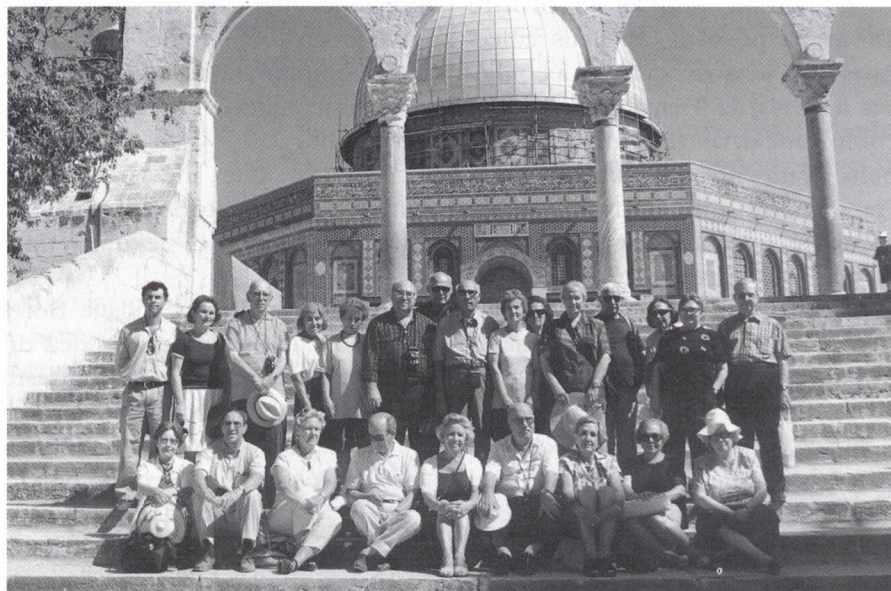
Estes estão inseridos na cidade velha, um dedalo de ruas estreitas com intenso comércio e um movimento constante de pessoas de todas as nacionalidades.

Para terminar duas notas curiosas:

A primeira prende-se com um almoço bíblico em que se observaram os costumes existentes no tempo de Cristo quer quanto à forma de estar à mesa, quer quanto aos alimentos que habitualmente eram consumidos.

Os convivas ficaram reclinados sobre o braço esquerdo e comiam com três dedos da mão direita. Foi servida uma sopa de lentilhas e um guisado de carneiro, acompanhado de pão ázimo, vinho e sumo de uva, azeitonas, tâmaras e frutos secos.

A segunda nota representa o culminar em beleza deste passeio e aconteceu espontaneamente no hall do Hotel, na véspera da partida: uma sessão de fados de Coimbra pelo colega Alcindo Costa presenciada por algumas dezenas de portugueses alojados no Hotel que comovidamente acompanharam em uníssono a Balada da Despedida.



Em Jerusalém

Lá Fora

II - VIAGEM AO MÉXICO

De 20 de Agosto a 3 de Setembro

- Arranjo da Redacção, com base no exhaustivo "Relatório do Oficial Navegador",
Com. Fernando Miranda Gomes, que à nossa Revista o disponibilizou -

Com mais de duas horas de atraso, lá partimos rumo ao México, via **Cuba**, no dia 20 de Agosto, a bordo dum avião cubano. Fizemos escala em Madrid, onde fomos brindados com mais algum tempo de "seca", pelo que a chegada a **Havana** acabou por ocorrer às 22 horas locais, quatro horas depois do previsto e pressuposto no programa. Conclusão: foi-se o "tour" panorâmico pela cidade e, por pouco, não se ia também o jantar. O anunciado show, que se seguia, esse também se fora, já que passava das 22,30 e a lotação até já estava esgotada! Depois de o Sr. Henrique Dias, da Master, ter ali manifestado frontalmente a sua revolta pela maneira como estávamos a ser tratados, acabámos por recolher aos quartos do Hotel, para dormirmos à pressa, pois a alvorada era logo às duas horas da madrugada. Enfim, depois de mais umas comichadas no aeroporto, a que por lá também se chamava "check-in", seguimos para a **Cidade do México**, onde aterrámos pelas oito horas locais.

Após o desembarque, iniciámos a visita à Cidade do México, presentemente a mais populosa do mundo. Acompanhado do seu adjunto César, passou a guiar-nos o simpático Marcos, guia eloquente e culto, que também impressionava pelo seu patriotismo e o orgulho nas suas origens étnicas e sociais.

Fomos então à **Praça da Constituição** - por todos conhecida por Zócalo, que significa Pedestal - que, sendo o ponto de reunião de toda a gente, existe em todas as cidades do México. Dizem que este Zócalo é a segunda maior praça do

mundo. Lá podemos admirar a Catedral Metropolitana, a maior da América Latina, e o Palácio Nacional, em cujas galerias pudemos apreciar os famosos murais de **Diego Rivera**, contando a História do México. Após o almoço, percorremos parte do Paseo de la Reforma, enorme avenida que atravessa toda a cidade, e acabámos numa lição de sapiência do guia Marcos, em visita ao Museu de Antropologia. Depois de muitas horas quase sem dormirmos, já nem a nossa juventude conseguia disfarçar o cansaço que em todos era notório. Recolhemos ao belo Hotel Melia Reforma.

No dia seguinte (dia 22), começámos por visitar a Praça Coyoacan, com o seu pitoresco comércio ambulante e a Igreja Franciscana de S. João Baptista. Dirigimo-nos para os Jardins Flutuantes de Xochimilco, onde, em típicos barcos engalanados com ingénua motivos mexicanos, percorremos os lindos canais ao som da música mariachi - pequenas bandas - que com a alegria tão característica interpretavam canções tão nossas conhecidas.

Após o almoço simpático no Restaurante Enriques, com música,

cantores e bonitas dançarinas, passámos pelo badalado Estádio Azteca e pela Cidade Universitária. À noite, mudámos de farda e fomos ao Palácio das Belas Artes (que bela fachada em mármore Carrara), onde assistimos ao deslumbrante espectáculo do Ballet Folclórico do México. Retornámos ao Hotel, com passagem pela típica Praça Garibaldi.

No dia 23, começámos por percorrer o infundável Paseo de la Reforma e dirigimo-nos à Praça das Três Culturas, praça que nos mostra construções dos três períodos da História do México: pré-hispânico, colonial espanhol e moderno.

Daqui seguimos para as imponentes obras arquitectónicas de Theothiucan, passando por uma "tienda", onde o seu proprietário nos ensinou, com aula prática, tudo o que se extrai do cacto Maguey: fio, papel e a conhecida Tequila, além do mais. Após as inevitáveis compras na "tienda", em que os pratos metálicos e as t-shirts com o calendário azteca tiveram uma procura privilegiada, seguimos para a zona arqueológica de **Theothiucan** - lugar onde nascem os Deuses, como se prova nas fotos "piramidais"



Junto à Pirâmide da Lua



Junto à Pirâmide do Sol

As primeiras edificações julga-se datarem do ano 100 AC. Esta zona é constituída por uma larga e comprida avenida - Avenida dos Mortos - que termina na Pirâmide da Lua (cujos 92 degraus alguns dos nossos subiram), estando ao centro o Templo da Serpente Emplumada e a um dos lados a Pirâmide do Sol. Após bom almoço no Clube Mediterranée, regressámos à Cidade do México, parando apenas para visita ao conjunto das Basílicas de Guadalupe: a primitiva, a enterrar-se no solo, e a moderna. Este santuário, dedicado à Virgem Negra, **Nossa Senhora de Guadalupe** - a Padroeira do México - é considerado o santuário mais venerado de toda a América Latina.

No dia seguinte (dia 24), saímos a caminho de **Cuernavaca**, a Cidade da Eterna Primavera, berço de Emiliano Zapata. No caminho, tivemos o ensejo de, num miradouro da estrada, tirarmos fotografias ao vulcão Popocatepetl, que se via ao longe lançando as suas fumaças. Em Cuernavaca, cidade muito florida e linda, apreciámos a Catedral, bem como o Palácio Hernan Cortez.

De Cuernavaca seguimos para **Taxco**, a Cidade da Prata, considerada monumento nacional, onde chegámos para almoçar, após o que foi tudo para uma das famosas lojas de artigos de autêntica prata, de que o México é o

segundo produtor mundial. Após deslocação, uns a pé e outros de táxi, à bonita praça onde se encontra a bela Igreja de Santa Prisca, regressámos à Cidade do México.

No dia 25, partimos cedo, rumo a **Puebla**, a Cidade dos Anjos. Aqui, visitámos a Grande Catedral, a segunda maior do México e que levou 100 anos a construir, o Palácio Municipal e finalmente a esplendorosa Igreja de Santo Domingo, onde se encontra a belíssima Capela do Rosário, uma das grandes obras-primas do México e uma das Maravilhas do Mundo. Depois de passarmos pelo mercado indígena de Tlacolula e sua curiosa flora e apreciarmos a bonita Casa del Alfenique ou Casa Bolo de Casamento, retomámos o

autocarro a caminho de Oaxaca - Cidade do Jade - onde chegámos para jantar e alojamento no belo Hotel Fiesta Inn.

No dia seguinte, dia 26, fomos à zona arqueológica de **Mitla**, Lugar dos Mortos, pertencente às civilizações Zapotecas e Mixteca. Apreciámos a famosa zona arqueológica de Monte **Álban**. Depois de ainda darmos uma vista de olhos à Igreja de Santo Domingo, já em Oaxaca, demos por concluída a passagem por este Estado.

No dia 27, soubemos que o avião que nos levaria a **Tuxtla Gutierrez** estava de tal maneira atrasado que desde logo ficou afastada a hipótese de vermos o emocionante espectáculo paisagístico Canion Sumidero, pelo que preenchemos o tempo de espera com uma visita a uma típica olaria tipo Rosa Ramalho, em S. Bártolo. Chegámos de noite a Tuxtla Gutierrez, onde um novo guia nos aguardava. Viajámos depois de autocarro até **S. Cristobal de las Casas**, através duma longa e penosa estrada com curvas e "topes". Instalámo-nos no modesto Hotel Ciudad Real Centro. Foi um dia para esquecer.

Eis-nos agora no dia 28. Começámos por percorrer as limpas e simpáticas ruas da cidade.



Junto à Árvore bicentenária de Tula

Fomos ao Templo de Santo Domingo, onde admirámos o Altar de Santo António e o de Jesus Cristo sentado. Fomos ver o mercado local, bem curioso. Regressámos ao Zócalo, metemo-nos no autocarro e fomos, poucos quilómetros adiante, a **San Juan Chamula**, habitada pelos índios Tzotziles. Era lá festa. Valeu a pena. Índios primitivos e conservadores, radicais. Tendo ardi-do há tempos a Igreja de S. Sebastião, os índios atribuíram a responsabilidade aos santos, por negligência, acusando-os de se terem embriagado. E castigaram-nos, chegando mesmo a encarcerar as suas imagens.

Completamente diferente é a vizinha **Zinacantan**, que também visitámos. Povo predominantemente católico, organizado e com hábitos e forma de vestir modernos.

A caminho de **Palenque**, almoçámos junto das paradisíacas Cascatas de Água Azul. Ao fim da tarde, chegámos ao bonito Hotel Mission, com os seus encantadores jardins e relvados, onde jantámos, com música, bolo de anos e parabéns à nossa Amélia Neto.

Já no dia seguinte, dia 29, tomámos o caminho da zona arqueológica de Palenque, uma das mais importantes e expressivas da arte Maia, situada em plena selva dos Chiapas. Acabada a visita a esta Estação, voámos para **Mérida**, onde nos instalámos no muito bom Hotel Holiday Inn. À noite assistiu-se a um espectáculo de luz e som, que se diz ser o segundo melhor do mundo, em **Uxmal**, uma das mais famosas estações arqueológicas.

Dormimos e eis-nos agora no dia 30. Logo pela manhã, percorremos de autocarro a bela Cidade Branca - como Mérida é conhecida - e parámos no Zócalo, onde se encontra a Catedral, o Palácio do Governo, o Palácio Municipal e a Casa de Montejo. Seguimos para a zona arqueológica de **Chichen Itza**, dominada

pela Pirâmide de Quetzalcoatlé, cuja subida dos seus 92 altos degraus proporciona uma vista admirável.

Depois do almoço, seguimos para **Cancun**, onde nos hospedámos no belíssimo Hotel Hyatt Regency.

No dia 31, começámos por ir de autocarro até **Vila Puerto Morales**, simpática e bonita aldeia de pescadores. Fizemos depois uma visita à zona arqueológica de **Tulum**, situada no alto de uns rochedos, com uma soberba vista do Mar das Caraíbas, ali ao lado. Depois do almoço, continuámos a viagem até **Xcaret**, parque arqueológico e porto maia, área de enseadas rochosas, autêntico pequeno oásis, com um rio subterrâneo, onde se pode mergulhar e nadar com garrafas de oxigénio, observando os peixes tropicais. O local é de facto esplendoroso, um parque de sonho, com praia, fauna e flora de encantar. Aqui assistimos a um jogo da Pelota, num recinto do tempo dos maias. O nosso guia, o simpatiquíssimo e divertido Jorge, do Grupo do Jorge, foi obrigado então a passar a pasta a outro. Este conduziu-nos depois para as "cacumbas", para vermos a aldeia dos maias e as suas feitiçarias e danças. Pelo caminho, apesar de curto, fomos

contemplados com uma chuvada de tal ordem que ficámos todos encharcados e o substituto do Jorge desapareceu para sempre. Acabou por ser motivo para compra, no local, de T-shirts e outro vestuário mais íntimo, em ordem a substituir as peças encharcadas. Jantámos ali e depois regressámos ao hotel.

No dia seguinte, o primeiro de Setembro, não houve passeio às Islas de las Mujeres, por falta de "quorum". Aproveitámos então o dia para, em grupo, visitar Cancun, o seu centro, o seu comércio. E não é que Cancun é mesmo bonita! Também houve quem tomasse banho nas águas quentes e limpas da praia anexa ao nosso hotel ou na cascata da piscina.

À noite, tivemos um agradabilíssimo jantar no típico restaurante Los Pericos, em que a alegria dos músicos e dos empregados, com suas momicas ou partidas, a todos divertiram.

No dia 2 despedimo-nos de Cancun e do México. Com nova escala por Havana, em cujo aeroporto penámos algumas horas, regressámos a Lisboa.

Ficámos a conhecer um pouco dum país de gente pobre, de gente que sofre, mas honrada, acolhedora, orgulhosa dos seus antepassados. Grandeza e miséria. Contrastes.



No Zocalo da cidade do México

O Abraço de Duas Associações

A convite do Major-General Director do Instituto Militar dos Pupilos do Exército (IMPE), a nossa Presidente, Dr.^a Fátima Lencastre e o Vice-Presidente da Assembleia Geral, Conselheiro Dr. Francisco Chichorro Rodrigues, visitaram os Pupilos em 29 de Julho de 1999.

O IMPE, com suas 9 décadas incompletas, é um estabelecimento de ensino muito jovem no confronto com a nossa secular ALMA-MATER coimbrã.

Ao invés, a Associação dos Pupilos do Exército (APE) que congrega seus ex-alunos - os tradicionais "PILÕES" - é anterior à primeira das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra.

Antiga, dinâmica e bem estruturada assim se revelou a Associação dos Pupilos do Exército (APE) neste primeiro "bilateral" académico-associativo.

Recebida no Gabinete da Direcção, a nossa Presidente trocou lembranças com o Director do Instituto e com o seu homólogo da APE, Coronel Mário Pereira:



De seguida, o nosso anfitrião brindou-nos com um almoço de convívio onde o "rancho" mereceu a consagrada fórmula que o Oficial de Dia haveria de anotar no seu relatório, relativamente à alimentação: "Tinha bom aspecto e paladar, agradou dum modo geral a quem a utilizou, era em quantidade suficiente e os géneros pareciam em bom estado".

Do simpático ambiente e da excelente camaradagem resultou amena cavaqueira, à mesa redonda, na sala de refeições da Direcção:



Terminámos com uma visita à zona histórica do IMPE - área anexa ao vetusto Convento de S. Domingos de Benfica (fundado em 1399). Especial destaque para o Claustro ladeado pela Capela "Corpus Christi" ou dos Castro (monumento nacional), pela Sala D. João de Castro (Patrono do IMPE) e pelo Museu com o seu salão memorial (antiga "Sala de Honra - Culto da Pátria"), onde se respira toda a mística da prestigiada Instituição:



Antes do abraço de despedida, o Coronel Mário Pereira e a Dr.^a Fátima Lencastre trocaram informações e perspectivas de actividade associativa e inter-associativa, tudo em ambiente de agradável e informal camaradagem, academicamente acentuada por esta interessante e decisiva coincidência: o nosso colega Eng.^o João Afonso Bento Soares (sócio nº 547 da AAECL) e o Major-General Director do IMPE são a mesma e única pessoa.

Mário Bento

A Voz da Filantrópica

1 Notícia

A Filantrópica está de luto; o *Ad Hoc* também.

A primeira perdeu um elemento devotado do seu Gabinete de Apoio médico; o segundo um cantor entusiasta e sempre disposto a participar. Num e noutro caso o desaparecido é o mesmo.

Querido Abel: lá, onde estás, te acompanhe todo o bem que à tua volta espalhaste!

2 Actividades da Filantrópica

1ª. A Filantrópica tem contactado, através de visitas ou do telefone, com Sócios que se encontram doentes ou que estão sós. Temos mesmo levado aos nossos convívios alguns Colegas que não se podem deslocar sozinhos.

Também o nosso Gabinete de apoio médico-jurídico, sem alarde mas com eficiência, tem atendido Sócios que se lhe dirigem.

2ª. Desde a saída do último "*Capa & Batina*" foram realizados dois convívios:

No dia 6 de Junho, foi um "*Pôr de Sol*" na Sede da A.F.A.P. A afluência foi enorme e o entusiasmo também. Serviu-se um lanche ajantarado no fim do qual, ao som do acordeão da Josefa, começou a brincadeira dos descantes populares, cantadas e puladas por quantos quiseram. Serenados os ímpetos, fomos brindados por uma Serenata de Coimbra, magnificamente executada pelo "Grupo Porta Férrea". Nos olhos de alguns havia lágrimas.

Já mesmo "ao cair da tarde", no jardim, foi servido um beberete. Partiu-se o monumental bolo da Associação, cantaram-se parabéns, gritaram-se "eferreás", acabando tudo com a *Balada da Despedida* antes da debandada geral, já com o Sol bem posto, num céu bem negro. Todos ficaram à espera da próxima e esta verificou-se no dia 23 de

Outubro, mais uma vez na A.F.A.P. onde nos começámos a sentir como em nossa casa, dada a afabilidade e eficiência com que nos recebem e atendem.

Foi um almoço-convívio onde se encontraram 75 antigos estudantes, irmanados no sonho. Nem o temporal foi capaz de nos desmobilizar.

Depois do succulento almoço, o Colega Quintela fez a apresentação do livro de poesias, recentemente publicado pelo nosso Ângelo. Era ele a pessoa mais indicada para tal, não só por ser o Director da Filantrópica, mas porque foi o dedicado Simão Cirineu do autor pesquisando nas gavetas, nos bolsos e... até nos sapatos os poemas que o distraído e despegado Ângelo ia esquecendo a torto e a direito. Sem esta acção abenegada do nosso Quintela o livro "*Amor...Amor...E Mais Nada*" não saía, ou não sairia por enquanto.

Seguiu-se uma sessão de autógrafos e venda de livros cujo producto reverteu inteiramente para a Filantrópica. Bem hajam, Ângelo!

Mais uma vez tiveram lugar os cantares populares, dinamizados pelo Ad Hoc, no qual teve a maior importância a sanfona do Fernando Pardal. Veio depois a música séria interpretada pelo Camacho e pelo Ângelo (perdoem-me ter deixado todos os "dê-erres" no tinteiro). É assim que o nosso espírito Coimbraês lhes chama.

Parece que ninguém dava pelo adiantado da hora, foi preciso lembrá-lo. Só então foi servido, por gentileza da casa, um chá quente e bolo que nos preparou "o físico" para arrostar num chuvoso regresso ao lar.

Até à próxima,

Pela Filantrópica
Maria Olga Reis

3 Cofre da Filantrópica

Em primeiro lugar a “penitência”: No anterior número da nossa “Capa & Batina” referiu-se como saldo existente nas contas da Filantrópica o valor de 33.000\$00, Felizmente tem de referir-se que o número exacto seria o de 330.000\$00 (com a fome existente comeu-se um zero).

Reposta a verdade é muito grato dar a notícia de que o “adubo” dos nossos beneméritos, com a ajuda muito valiosa da dádiva dos livros ofertados à Filantrópica pelo respectivo Autor, o nosso muito querido Colega Ângelo Araújo, elevou aquele acima mencionado Saldo para o apreciável valor de 456.000\$00

É claro que para este montante contribui a generosidade dos Colegas e Amigos que resolveram acrescentar ao custo dos almoços de convívio mais uns pozinhos valiosos.

E assim, grão a grão enche a galinha o papo, contribuindo para o Sonho de todos que é o de poder proporcionar, ou pelo menos contribuir, para uma maior felicidade dos nossos Colegas “menos jovens”.

Com o trabalho e esforço dos que se queiram dedicar às tarefas da Filantrópica, no seio da Associação, ...

Vamos conseguir!...

Braz dos Santos

In Memoriam...

ADVERTÊNCIA:

Nem sempre temos notícia atempada daqueles que nos vão deixando. Outras vezes acontecem lapsos.

Conquanto nem tudo seja da nossa responsabilidade, pedimos desculpa por omissões que serão remediadas sempre que possível. Assim, por lapso, não notificámos aqui o falecimento do Eng. Marcelo dos Santos, que aliás foi, por outros meios, do conhecimento geral, e o do Dr. Fernando Maia Faria, ocorridos ambos em 1998.

DEIXARAM-NOS...

... ultimamente, os nossos Colegas:

- † Dr.^a Maria da Graça Grilo Delimbeuf, Sócio 984, em FEV;
- † Dr. José Lourenço Pereira de Sousa Sarmento, Sócio 198, em JUL;
- † Dr. Tibério Barreira Antunes, Sócio 74, em AGO;
- † Dr. Francisco Rodrigues Pardal, Sócio 353, em SET;
- † Dr. António Lídio de Almeida Cabral, Sócio 340, em SET;
- † Dr. Abel Rodrigues Gaspar da Silva, Sócio 234, em OUT;
- † Dr. Joaquim Assunção Faria Júnior, Sócio 884.

Paz às suas almas.

Noticiário

I - JANTARES MENSAIS

Já entraram no ritual sagrado da nossa vida associativa e o número de participantes é irrelevante no aconchego da “Valenciana”, onde continua reinando acolhimento e “boa mesa”, a par da animação proporcionada pelos nossos Grupos de Fados, quando possível, ou pelos espontâneos sempre muito aplaudidos.



A dádiva da espontaneidade



A dádiva da espontaneidade

Os parabéns a você são sempre cantados em coro para os aniversariantes desse mês e acompanhados dos bolos de aniversário para os presentes, como vêem:



Aniversariantes de Junho



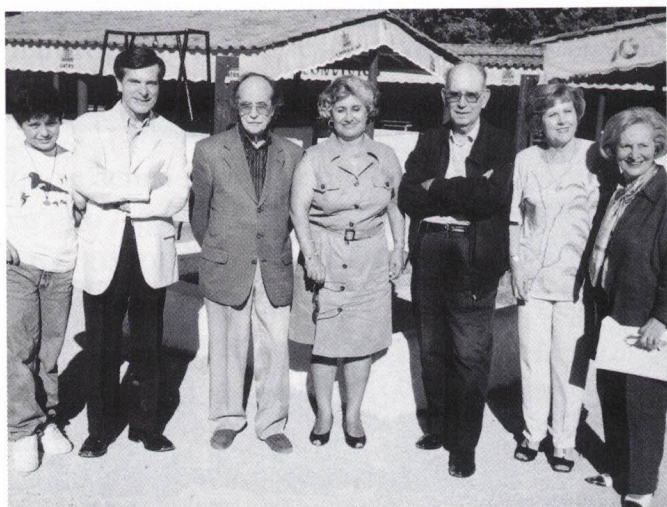
Aniversariantes de Julho



Aniversariantes de Setembro

II - FESTA DOS SANTOS POPULARES

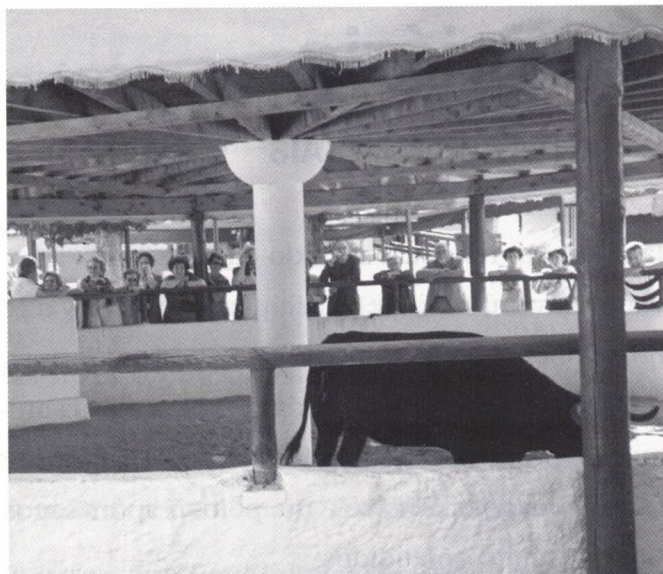
Às portas de Lisboa, no Restaurante Típico do Cartaxo - "O Saraiva" - 85 alegres Sócios, familiares e amigos saborearam um succulento almoço e, ao fim da tarde, um lanche, com pratos típicos da região, desafiaram um garraio (sem secesso, tal o medo que incutiram no pobre animal), bailaram jovialmente ao som de um conjunto musical a preceito e concorreram ao Concurso de Quadras dos Santos Populares, em tais quantidade e qualidade que o Júri trabalhou afincadamente na escolha dos premiados. Mas foi bem sucedido e os aplausos deram-lhe e aos premiados estes semblantes riosos (e jovens...):



Júri das Quadras Populares e Laureados



A bailação



O pobre garraio...

III - COLABORAÇÃO E CONVÍVIOS COM OUTRAS ENTIDADES

- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga convidou-nos a participar na homenagem ao Reverendo D. Eurico Dias Nogueira (seu Sócio) e à benção da sua Sede, que se realizou no dia 29 de Outubro, tendo representado a nossa Associação o Vice-Presidente da Direcção Alcindo Costa.
- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra promoveu o "Dia do Antigo Estudante de Coimbra" no passado dia 9 de Outubro, participado pela nossa Associação com 25 Sócios na habitual Missa, cumprimentos ao Reitor na voz de António Arnaut, almoço nos Serviços Sociais da Universidade, seguido de um Sarau com os "Antigos Orfeonistas" e a "Orxestra Pitagórica" e um delicioso jantar no Casino da Figueira, seguido da evocação da Primeira Mulher Portuguesa na Universidade de Coimbra, de uma Serenata de Coimbra e, no fim, do Show do Casino.

- Também neste ano o **Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos a assistir à abertura solene das aulas, que se efectuou no passado dia 20 de Outubro, na Sala Grande dos Actos, tendo a nossa Associação sido representada pela Presidente Fátima Lencastre, e pelo Vice-Presidente da Direcção Alcindo Costa.
- Mais um FESTUNA (o IX) promovida pela **Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra**, em fins de Outubro, e participada por diversas Tunas Académicas espanholas e mexicanas; e mais uma vez a “Estudantina Universitária de Coimbra” fez questão na presença de sua “madrinha” (a nossa Presidente).
- **A Fundação Mário Soares** contou com a presença da nossa Associação no lançamento do livro “Do Outro Lado da Esperança”, da autoria do nosso Presidente da Assembleia Geral, Almeida Santos, que promoveu em 7 de Junho.
- **A Caixa Geral de Depósitos e o Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários** convidaram a nossa Associação para a cerimónia de entrega do Prémio da Crítica 1999 a Manuel Alegre, ocorrida no passado dia 8 de Junho.
- **A Câmara Municipal de Lisboa**, através do seu pelouro de cultura, convidou a nossa Associação para a apresentação do livro “Praça da Canção”, de Manuel Alegre, com ilustrações de Rogério Ribeiro, no dia 17 de Junho.
- Também a **Associação Portuguesa de Escritores** galardeou Manuel Alegre com o Grande Prémio da Poesia APE/CTT - Correios de Portugal, pela sua obra “Senhora das Tempestades”, em cerimónia realizada no Forum Picoas em 5 de Julho, onde a nossa Associação esteve representada.
- **A Casa da Académica em Lisboa** promoveu em 17 de Junho, no Casino Estoril, mais um jantar de gala e um espectáculo “Coimbra Encanta Lisboa”, com a participação da “Estudantina Universitária de Coimbra” e os “Pardalitos do Mondego”, e uma representação de “O Fado, duas intenções e um abraço”, com João Braga e o nosso Sócio Arménio Marques dos Santos, em que esteve representada a nossa Associação, como convidada.
- **A Sociedade da Língua Portuguesa**, através do seu Presidente e nosso Sócio Carlos Carranca, convidou a nossa Associação a estar presente no lançamento do livro de José Jorge Letria “*Carta a Zeca Afonso*”, em 23 de Setembro.

IV - OUTRA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA

Criada, desta vez, no **Alto Mondego**, com sede em Gouveia e tendo como dinamizador, congregador e - claro - presidente da Direcção, o nosso “*Tuno*” Heitor Peixoto!

É uma recém-nascida já cheia de força, não tenha ela como suporte o granítico distrito da Guarda, com todos os concelhos que se abrigam ao redor da imponente Serra da Estrela. Bom êxito!

Conta sempre connosco!

Se não sabias, Ficas a saber que ...

- Os nossos Colegas continuam a enriquecer a Biblioteca com as suas ofertas. Desta vez, foi a Maria Fernanda Ricardo, o Araújo, o Brardo, o Moura Coutinho, Chichorro Rodrigues, Manuela Coutinho e Maria Isabel Alexandre que não se esqueceram. Apelamos a todos vós para que se lembrem da Biblioteca, enviando-nos, sobretudo, obras que nos falem de Coimbra.
- Recebemos a antiga documentação sobre Coimbra, de um valor extraordinário, que foi oferecida pelo Colega António Teixeira Botelho.
- A Maria do Céu Santos e o Pintor Mário Silva ofereceram quadros para embelezarmos a nova SEDE.
- O Ângelo e o Cardo enviaram-nos óptimo mobiliário para equipar os gabinetes de trabalho e o Salão.
- A Dulce e a Aida Toscano ofereceram duas lindíssimas toalhas (de renda e bordado) para as mesas das nossas festas, além de uma chaleira eléctrica.
- O João Quintela fez-nos oferta de um bom aparelho de televisão.
- A SONAE - pela mão do Armando Rocha - brindou-nos com um aparelho de TV e outro de vídeo.
- Já está em pleno funcionamento o "Grupo de Bridge" (com regulamento, receitas e tudo ...).

NOTAS:

1 - Os donativos para a SEDE atingiram, até aqui (em Novembro), o montante de 4.500 contos. Quando vem o 2º "reforço"?

Não esquecer que os donativos para a SEDE são passíveis de dedução no respectivo IRS, dado que a nossa Associação é uma *Instituição de Utilidade Pública*. Vamos emitir as competentes **Declarações** até ao fim do ano...

2 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano (cerca de 70) como de anos anteriores (alguns...)

Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
 ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
 INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
 RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º • 1000-046 LISBOA
 TELEF. 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL
 TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO